

**MÚSICA BRASILEIRA, por Mário de Andrade<sup>1</sup> (conclusão)**

Temos que afeiçoar a nossa música ao sabor do nosso povo. Só o povo cria essas obras de arte duma perfeição duma lógica duma pureza tamanha como a cantiga de deveras popular. Quem que inventou coisa mais linda que *Old Folks at Home*, que o *Tannembaum* que a *Casinha Pequenininha*?<sup>2</sup>. São obras sem reflexo de indivíduos, sem mancha de época, firmando além das necessidades e circunstâncias passageiras, o perfil complexo duma raça e da humanidade. Apesar dos pesares, como se diz, tenho esperança no Brasil e no brasileiro. É certo que estamos num país difícil como o quê e com uma raça moralmente estragada, preguiçando num Solão macanudo, Solão gatuno, largura gatuna roubando à força o trabalho e a união da gente. Porém o brasileiro já criou uma coisa de perfeição e variedade estupenda: a nossa música. Não digam mais que ela é “Flor amorosa de três raças tristes” não! Isso é falso. Que seja flor concordo e amorosa também. Mas que três raças tristes essas! O Portugal não é triste nem o foi, corajudo como era. A cantiga dele que carece não confundir com o fado, invenção da estudantada melosa de Coimbra, a cantiga dele é sã e alegre como poucas. Conheço bem ela e posso falar assim. Dos ameríndios não refletimos quase nada ou nada mesmo, em música. Basta saber que os índios só compreendem o canto socializado, só cantam em coro propiciatório e comemorativo. Justamente o contrário do brasileiro, como mostrei. A influência espanhola garanto que foi enorme e decisiva aqui. A mazurca a polca a *schotis* eslava e a valsa germânica tiveram influência muito poderosa como forma e até como melódica. Talvez tão grande como a da africana, cuja influência escapole da nossa convicção e fraqueia a qualquer tentativa mais profunda de exame crítico, como provarei num libro futuro. E além disso a nossa música é variadíssima. Não é só triste não. Aliás cantar tristuras poéticas não pode ser caráter específico porque isso é de todas as raças, a dor sendo mesmo o maior elemento da inspiração humana. E quanto ao *ethos* psicológico exclusivamente musical na dor temos de triste propriamente. Variamos por

---

<sup>1</sup> Série de quatro artigos publicados por Mário de Andrade no jornal natalense *A República*, no ano de 1928. No estabelecimento de texto para esta edição a ortografia foi atualizada, no entanto, mantém-se a pontuação da publicação original. Todas as notas foram elaboradas pelo editor da revista *Imburana*. Os quatro artigos estão contidos parcialmente no texto “Música brasileira (Palestra, com coros pelo Orpheon Piracicabano, recitada na Cultura Artística de Piracicaba)” - *Diário Nacional*, São Paulo, 28 jun. 1928.

<sup>2</sup> “Old Folks at Home”, também conhecida como “Swanee River”, “Swanee Ribber” e “Suwannee River”, canção popular do estado americano da Flórida; “Tannembaum”, canção popular alemã, baseada no folclore e associada à Árvore de Natal; “Casinha Pequenininha”, canção popular brasileira, de domínio público, gravada originalmente em 1905 por Mário Pinheiro em disco da *Casa Edison*.

demais. Temos uma dose formidável de alegria, de esperteza, de pagode e energia reagindo, nos fandangos nos congos nos pastoris nos maxixes nas catiras nos cocos nas emboladas nos desafios toadas e nos lundus. E quando a gente chora amores solidões e aspreza de vida ou trabalho, no geral caímos na malinconia paciente e conformada. Na tristura de deveras triste só raramente que caímos.

E nessa variedade e boniteza o Brasil vive embalado de norte a sul. Nas vigílias a chimarrão fervendo entre histórias de valentia e espanholadas o gaúcho de cordeana na mão, canta. O sertanejo de Mato Grosso depois do rodeio, agarra também nossa cantiga bela acompanhada ao som do cocho. Na viola de cordas duplas o caipira de Minas ou de S. Paulo entre ponteios magistras, também canta a moda mole. Lá no extremo norte, umedecido de vida n'água, o paroara, o tapuio, a marujada das gaiolas lentos, aos embalanços da maqueira cantam chulas e valsas de amor peguento que nem o leite novo da seringueira. Essa gente é mais céptica, age bem por essa filosofia da paciência que é privativa do brasileiro.

Vira a bonbordo, a boreste  
E á proa e a ré.  
Vira pra aqui pra acolá!  
Não sei si isto é bom,  
Si não é,  
Vira isso pra lá!

Mas já o brasileiro praciado espertalhão e carioquizado, também canta porém reage mais dinamicamente na flauta no violão no oficleide e no saxofone modernista, maxixando com tamanho talento na anca que a gente fica pasmo só de ver.

Em Goiás, nos garimpos, o aventureiro que às vezes veio da Grécia, da Alemanha e da Índia, escuta o alagoano o cearense e sergipano levado numa vida trágica de abandono aventura e roubalheira, dizer cantando pra mulher do outro:

Teu marido é valente  
Eu tambem sô,  
Nem que chore pitanga  
Eu daqui não vou!

E por fim lá no Nordeste maravilhoso que é mesmo a nossa Beira em riqueza musical, tudo parece transformado em som. Se dança no baiano e no samba-de-matuto, se desafia no desafio, se faz brilhações pasmosas na carreira das emboladas, se despenca em jogos de pentassílabos e até de tetrassílabos afobados na carretilha dos martelos cantadores de casos pançudos, êta mundo!

Por aí tudo a cantiga brasileira vai criando seus diamantes. Já agora os garimpos do rio das Garças onde todas as raças humanas se encontraram, principiam tendo um reflexo na música brasileira. Compositores estranhos vão chegando com suas bateias pra colher os brilhantes que a nossa gente endureceu no calor da boca. Darius Milhaud<sup>3</sup>, francês, se pode falar que andou fazendo aqui um verdadeiro saque pra compor muitas obras dele. O estrago não foi grande só porque o tesouro é formidável. Agora vimos Respighi<sup>4</sup>, italiano, construir uma belíssima Suíte Brasileira com temas da gente. Também de temas nossos se serviu Walter Niemann<sup>5</sup>, alemão pra estragá-los nas suas *Rapsódias Brasileiras*. A moda está pegando, parece... O ilustre compositor brasileiro Lourenço Fernandes<sup>6</sup>, recebeu dum músico alemão faz pouco uma proposta ingênua e cômica. O tal pedia alguns temas brasileiros, que Lourenço Fernandes tivesse colhido e fossem inda inéditos. Mas como era justo o nosso músico não estar cedendo o que colhera pra uso pessoal, o alemão se oferecia pra pagar os temas!...

Como se vê o interesse pela nossa música é geral. É justo. Ela é a flor amorosa do Brasil. Com a doçura que tem, o dengue macio, a pererequice fuquefuque, a malinconia paciente ela parece profetizar a psicologia inda vaga da nossa raça. Deve nos orgulhar por isso que seja gostada pelas outras raças.

Ela é a flor amorosa do Brasil. E nos representa, talvez melhor que nós mesmos, no cortejo do mundo...

*A República, Natal-RN, 09 ago. 1928, p. 02*

---

<sup>3</sup> Darius Milhaud (1892-1974), compositor e professor cuja obra é conhecida por conciliar o uso da politonalidade e do jazz, esteve no Brasil entre 1917 e 1919. É autor de *Saudades do Brasil* (1920), uma coletânea de doze músicas cuja temática são os bairros cariocas.

<sup>4</sup> Ottorino Respighi (1879-1936), compositor e musicólogo, pianista e violinista. Veio ao Brasil em 1927, com o plano de comprar uma suíte. No ano de 1928, sua obra *Impressioni Brasiliane* foi apresentada no Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Walter Rudolph Niemann (1876-1953), compositor, arranjador e crítico musical.

<sup>6</sup> Oscar Lorenzo Fernández (1897-1948), compositor, fundou em 1936 o Conservatório Brasileiro de Música.